

Precisa-se de um título desesperadamente

André Luiz de Amorim

Orientador:

Prof. Dr. Roberto Cid Fernandes Jr.

• • •

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências Físicas e Matemáticas
Departamento de Física

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Física da UFSC em preenchimento parcial dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Física.

Trabalho financiado pela Capes.

Florianópolis (SC) – 2011

Dedica

Agradecimientos

Agradece

Resumo

Resumo.

Abstract

Abstract.

Sumário

1	Introdução	1
1.1	A nova era da astronomia	1
1.2	<i>STARLIGHT</i> + <i>SDSS</i>	1
1.3	<i>GALEX</i>	1
1.4	Trabalhos Anteriores	1
1.5	Este Trabalho	1
1.6	Organização deste trabalho	2
2	O <i>Galaxy Evolution Explorer</i> (<i>GALEX</i>)	3
2.1	Objetivos	3
2.2	Histórico do estudo do céu no ultravioleta	5
2.3	Resultados obtidos pelo <i>GALEX</i>	6
2.4	Data releases e banco de dados	7
3	Crossmatch entre <i>SDSS/STARLIGHT</i> e <i>GALEX</i>	10
3.1	Banco de dados do <i>SDSS</i>	10
3.1.1	Migração de OODBMS para RDBMS	10
3.1.2	<i>SkyServer</i>	11
3.1.3	<i>CasJobs</i>	11

3.2	Banco de dados do <i>STARLIGHT</i>	13
3.2.1	Importação para o banco de dados	13
3.2.2	Estrutura do banco de dados	13
3.2.3	Amostra do <i>STARLIGHT</i>	13
3.3	Crossmatch <i>SDSS/GALEX</i>	16
3.3.1	Indexação HTM	16
3.3.2	Análise de completeza	17
3.4	Definição das amostras <i>SDSS/STARLIGHT</i> e <i>GALEX</i>	17
3.5	Correções na fotometria UV	19
3.5.1	K-correct	19
3.5.2	Poeira	19
4	Problemas astrofísicos	20
5	Conclusões e Perspectivas	21
5.1	Este trabalho	21
5.2	Trabalhos Futuros	21
A	Anexo 1: Manual de Acesso aos dados do <i>STARLIGHT</i> + Galex	22
	Referências Bibliográficas	I

Lista de Figuras

2.1	Curvas de transmissão dos filtros do <i>GALEX</i>	4
2.2	<i>Footprint</i> dos <i>surveys</i> <i>GALEX</i> AIS, MIS e SDSS	5
2.3	Diagrama cor-magnitude em ultravioleta.	7
2.4	Tela do programa <i>GalexView</i>	9
3.1	Tela do skyserver.	12
3.2	Tela do casjobs	13
3.3	Esquema do banco de dados do <i>STARLIGHT</i>	14
3.4	Esquema do banco de dados do <i>SDSS</i>	14
3.5	Esquema da tabela de índices da amostra do <i>STARLIGHT</i>	15
3.6	<i>Query</i> para atualizar os índices da amostra de galáxias do <i>STARLIGHT</i>	16
3.7	Esquema da tabela de em crossmatch entre objetos do <i>GALEX</i> e do <i>SDSS</i>	17
3.8	<i>Query</i> para o <i>match</i> entre os objetos da amostra do <i>STARLIGHT</i> e <i>GALEX</i> AIS.	18

Lista de Tabelas

2.1	<i>Surveys</i> realizados pelo <i>GALEX</i>	4
2.2	Campos observados em cada <i>General Release</i> do <i>GALEX</i>	8

Capítulo 1

Introdução

1.1 A nova era da astronomia

1.2 STARLIGHT + SDSS

1.3 GALEX

Resumo do Galex, o que é, como funciona, motivação. Por que UV? Ir pra outros comprimentos de onda. Limitações do UV. Propaganda do GALEX. Necessidade de ir para outros λ , e qual ciência pode ser feita com cada faixa.

1.4 Trabalhos Anteriores

Observatórios virtuais. Crossmatch.

1.5 Este Trabalho

Crossmatch entre fontes SDSS do *STARLIGHT* e do Galex. Adicionar alguns problemas astronômicos.

1.6 Organização deste trabalho

Capítulo 2

O Galaxy Evolution Explorer (GALEX)

Neste capítulo...

2.1 Objetivos

O *Galaxy Evolution Explorer* (GALEX) é um telescópio espacial de pequeno porte da NASA¹, lançado em 28 de abril de 2003 para conduzir um *survey* de todo o céu numa faixa espectral do ultravioleta (1350–2750Å). O objetivo principal do GALEX é estudar a evolução da taxa de formação estelar em galáxias (Martin et al. 2005). Os dados coletados pela missão são publicados em *Data Releases* periódicos, denominados *General Releases*. Este trabalho foi realizado sobre os dados do sexto *General Release*, GR6.

A missão consiste em uma série de *surveys* fotométricos e espectroscópicos (ver tabela 2.1). Destes, os principais *surveys* são o *All Sky Survey* (AIS) e o *Medium Imaging Survey* (MIS), que foram utilizados neste trabalho. O imageamento é feito em duas bandas espectrais: ultravioleta distante (*far ultraviolet*, FUV), de 1350 a 1750Å, e ultravioleta próximo (*near ultraviolet*, NUV), de 1750 a 2750Å. As curvas de transmissão dos filtros utilizados nessas bandas podem ser visto na figura 2.1. A espectroscopia é feita inserindo-se no caminho ótico um *grism*, que consiste num prisma combinado com uma rede de difração. Obtém-se deste modo um espectro de baixa resolução para cada objeto na imagem, conforme descrito por Morrissey et al. (2007).

Os *surveys* do GALEX foram planejados de forma a se valer de outros *surveys* já

¹NASA *Small Explorer* (SMEX) - <http://explorers.gsfc.nasa.gov/missions.html>

Tabela 2.1: *Surveys* realizados pelo *GALEX*. O CAI consiste em observações de anãs brancas para calibração. No caso do NGS, a magnitude limite é dada em unidades de densidade superficial de magnitude. Informações retiradas de Martin et al. (2005).

<i>Survey</i>	Cobertura (graus quadrados)	Mag. AB limite
<i>Calibration Imaging (CAI)</i>	-	-
<i>All-sky Imaging Survey (AIS)</i>	26000	20.5
<i>Medium Imaging Survey (MIS)</i>	1000	23
<i>Deep Imaging Survey (DIS)</i>	80	25
<i>Nearby Galaxy Survey (NGS)</i>	80	27.5 arcsec ⁻²
<i>Wide Field Spectroscopic Survey (WSS)</i>	80	20
<i>Medium-deep Spectroscopic Survey (MSS)</i>	8	21.5–23
<i>Deep Spectroscopic Survey (DSS)</i>	2	23–24



Figura 2.1: Curvas de transmissão dos filtros do *GALEX*, medidas em laboratório (Morrissey et al. 2005).

existentes em outros comprimentos de onda. A figura 2.2 mostra a sobreposição da área observada ² pelos surveys AIS e MIS do *GALEX* e do *Sloan Digital Sky Survey* (*SDSS*). O objetivo primário da missão do *GALEX* é calibrar a taxa de formação

²*Footprint*, no linguajar astronômico.



Figura 2.2: *Footprint* dos *surveys* GALEX AIS, MIS (GR2+3) e SDSS (DR6), conforme Budavári et al. (2009)

estelar no universo local e a determinar o histórico cosmológico de formação estelar entre os redshifts $0 < z < 2$ (Martin et al. 2005). A comparação com dados de *surveys* em outros comprimentos de onda tem um papel fundamental no cumprimento deste objetivo.

2.2 Histórico do estudo do céu no ultravioleta

A camada de ozônio, tão desejável pela proteção que oferece aos seres vivos, cobra a sua taxa na astronomia. Observações na banda ultravioleta precisam ser feitas fora da atmosfera terrestre, portanto não é de se estranhar que o trabalho nesta faixa espectral tenha progredido menos do que na faixa do óptico e do infravermelho.^[citation needed]

O primeiro trabalho sistemático de observação UV foi feito pelo *Orbiting Astronomical Observatory 2* (Code et al. 1970), obtendo fotometria e espectroscopia de estrelas brilhantes, aglomerados globulares e galáxias próximas. Durante as décadas de 1970 e 1980, este e outros satélites como o TD-1 (Boksenberg et al. 1973), o *Astronomical Netherlands Satellite* (van Duinen et al. 1975) e o *International Ultraviolet Explorer* (Kondo & Wamsteker 1987) – o primeiro satélite a utilizar um detetor de imageamento UV – forneceram os dados fundamentais para os modelos de síntese de população estelar

de galáxias. *Surveys* de campo amplo foram feitos por uma camera lunar erguida por astronautas da *Apollo 16* (Carruthers 1973), a bordo do *Skylab* (Henize et al. 1975) e pelo instrumento *FAUST* a bordo do *Spacelab* (Bowyer et al. 1993). Muitas imagens UV também foram obtidas pelo *Ultraviolet Imaging Telescope* em duas missões em ônibus espacial (Stecher et al. 1997).

2.3 Resultados obtidos pelo GALEX

o *GALEX* fez o primeiro *survey* do céu inteiro em UV.³

Wyder et al. (2007) analisa a distribuição de galáxias em função da cor UV e da magnitude absoluta no universo local. Esta distribuição é conhecida como *Diagrama Cor-Magnitude* (CMD, na sigla em inglês para *Color-Magnitude Diagram*). O autor usa *redshifts* e fotometria óptica obtidas do *SDSS* junto com fotometria UV do *survey* MIS do *GALEX*. A amostra do *SDSS* é correlacionada com a do *GALEX* procurando o objeto do *GALEX* mais próximo de cada objeto *SDSS* até um limite de 4" (4 segundos de arco).

O diagrama cor-magnitude elaborado por Wyder et al. (2007) mostra a separação das galáxias nas sequências azul e vermelha (figura 2.3). Esta distribuição bimodal é um resultado bem conhecido na astronomia.^[citation needed] Porém, diferente do diagrama cor-magnitude para a faixa espectral do óptico, a distribuição de cores em UV não pode ser ajustada somente pela soma de duas gaussianas, há um excesso de objetos nas cores intermediárias entre os picos azul e vermelho. O autor atribui a boa separação entre as sequências a uma maior sensibilidade à formação estelar recente.

Martin et al. (2007) investigou as propriedades das galáxias entre as sequências vermelha e azul para a mesma amostra citada acima. As galáxias nesta região intermediária são preferencialmente galáxias com núcleo ativo (*Active Galactic Nucleus*, AGN). Os autores estimam o fluxo de massa de galáxias indo da sequência azul para a vermelha.

Ainda para a mesma amostra, Schiminovich et al. (2007) investigou a correlação entre a morfologia das galáxias e a sua posição no CMD. A função de luminosidade UV do universo local é medida – pela primeira vez, segundo os autores – com relação aos parâmetros estruturais e à inclinação das galáxias.

³Lista de publicações do *GALEX*: <http://www.galex.caltech.edu/researcher/publications.html>



Figura 2.3: Diagrama cor-magnitude em ultravioleta. Figura 7 de Wyder et al. (2007).

A missão do *GALEX* se encerra em 31 de dezembro de 2011. Dados coletados após o GR6, como as observações no mesmo campo da missão Kepler (KeplerMission), observações de M31 e da Nuvem de Magalhães, entre outros, serão liberados num último *data release*, GR7. Os dados obtidos pelo *GALEX* permanecerão disponíveis publicamente no MAST.

2.4 Data releases e banco de dados

Os dados obtidos pelo *GALEX* são armazenados no *Multi-Mission archive at the Space Telescope Science Institute* (MAST). O acesso a estes dados é público, a liberação é feita anualmente em *General Releases* (GR). Os dados consistem basicamente em imagens e catálogos, divididos em campos (*tiles*) com área de aproximadamente 1,2 graus quadrados. Devido ao modo como o *GALEX* faz as observações, um determinado objeto pode estar presente em mais de um campo. A tabela 2.2 mostra o número cumulativo de campos observados por *survey* em cada GR⁴. Observações de pesquisadores convidados (*Guest Investigators*, GI) foram selecionadas de forma a complementar os *surveys*.

Para facilitar o acesso aos dados do *GALEX*, o MAST desenvolveu uma ferramenta

⁴Informações retiradas do website do GR6: <http://galex.stsci.edu/GR6/>

Tabela 2.2: Campos observados em cada *General Release* do *GALEX*.

<i>Release</i>	AIS	DIS	MIS	NGS	GI	CAI	Espectros	Total
GR1	3074	14	112	52	-	-	7	3259
GR2/GR3	15721	165	1017	296	288	20	41	17548
GR4/GR5	28269	292	2161	458	788	38	174	32180
GR6	28889	338	3479	480	1314	51	-	34551

chamada *GalexView*, utilizando tecnologia *Adobe Flex*⁵. Desta forma o *GalexView* pode ser acessado através de seu *website*⁶ em qualquer *web browser* que tenha suporte ao *Adobe Flash Player*⁷.

Através do *GalexView* é possível fazer buscas, visualizar e obter imagens e catálogos dos campos do *GALEX*. As buscas podem ser feitas de forma bastante versátil, tanto pelo nome do objeto quanto pelas coordenadas do céu. O formato de entrada é flexível o suficiente para evitar os problemas causados por idiosincrasias na notação de coordenadas (por exemplo, tanto “14h03m12.6s +54d20m56.7s” quanto “14 03 12.6 54 20 56.7” ou “210.83 54.35” apontam para a mesma região). A sua interface (figura 2.4) permite filtrar o conteúdo retornado pelas buscas, separando por *surveys*. Há também uma ferramenta de histograma, permitindo filtrar pelos valores das colunas dos catálogos. Os objetos selecionados na busca aparecem marcados na visualização da imagem. Utilizando um sistema do tipo “carrinho de compras”, pode-se selecionar campos e objetos de interesse, para ao final do uso do sistema baixar toda a seleção de uma vez.

Tanto o *GalexView* quanto outras ferramentas de busca do MAST, como o *GALEX Search Form* e o *GALEX Tilelist*, são construídos sobre um *banco de dados relacional* acessado através da linguagem *SQL* (Chamberlin & Boyce 1974). Muito comum na indústria, bancos de dados relacionais dispõem em geral de uma vasta gama de ferramentas para gerenciamento dos dados. Uma de suas grandes vantagens é o uso de índices⁸ para agilizar o acesso a dados. Embora a tecnologia exista desde a década de 1970

⁵*Adobe Flex* é um *framework* de código aberto que permite desenvolver aplicações para *web browsers*. Ver <http://www.adobe.com/products/flex.html>.

⁶*GalexView*: <http://galex.stsci.edu/GalexView/>

⁷*Adobe Flash Player* é uma extensão multiplataforma para *web browsers* que provê capacidade de visualização de conteúdo *flash* gerado tanto pelos seus editores proprietários quanto por ferramentas de terceiros. Ver <http://www.adobe.com/products/flashplayer/>.

⁸Um índice numa tabela de banco de dados é uma estrutura que copia partes da tabela numa determinada ordem, de forma a aumentar a velocidade de acesso aos dados ao custo de espaço de armazenamento.



Figura 2.4: Tela do programa *GalexView*.

(Codd 1970), até uma década atrás suas vantagens eram praticamente negligenciadas na astronomia.

Tradicionalmente astrônomos armazenam seus dados em arquivos texto ou binários contendo um registro por linha, de uma forma tecnicamente conhecida como *flat file*. Buscas neste tipo de banco de dados são feitas examinando individualmente cada registro do arquivo. Com o volume de dados obtido pelo *GALEX* (aproximadamente 222 milhões de objetos, 34 mil campos)^[citation needed], o uso de arquivos simples para armazenamento de dados se torna inviável.^[citation needed] É preciso “profissionalizar” o gerenciamento de dados de um *survey* desta escala.

Bancos de dados relacionais e ferramentas para gerenciamento e acesso a dados serão tratados com mais detalhes no capítulo 3.

Capítulo 3

Crossmatch entre SDSS/STARLIGHT e GALEX

TODO: Crossmatch - intro do capítulo.

3.1 Banco de dados do SDSS

Um dos maiores responsáveis pela promoção do uso de bancos de dados relacionais na astronomia é o projeto *Sloan Digital Sky Survey* (*SDSS*). Inicialmente o *SDSS* utilizou um *sistema de gerenciamento de banco de dados orientado a objetos* (Maier et al. 1986) (OODBMS, na sigla em inglês). Após pouco mais de um ano a abordagem se mostrou inadequada: entre os principais problemas, uma linguagem de *query* inadequada e performance ruim. O motivo, segundo Thakar et al. (2004), foi a incapacidade da empresa desenvolvedora do OODBMS em prover novas funcionalidades requisitadas pelo projeto e correção de *bugs*, bem como em acompanhar o crescimento da performance do *hardware*.

3.1.1 Migração de OODBMS para RDBMS

Todo o banco de dados do *SDSS* foi migrado para um *sistema de gerenciamento de banco de dados relacional* (Codd 1970) (RDBMS, na sigla em inglês) num esforço guiado por Thakar et al. (2004). RDBMS pode ser considerado o padrão da indústria. Praticamente todas as linguagens de programação tem bibliotecas de interface às implementações de

RDBMS comerciais mais comuns (Oracle, IBM e Microsoft, Postgres). Há uma diversidade de ferramentas para desenvolvimento e gerenciamento de RDBMS. E talvez o maior benefício de todos, o acesso aos dados é feito utilizando uma linguagem padronizada: *Simple Query Language*, ou simplesmente SQL (Chamberlin & Boyce 1974). A migração dos dados do *SDSS* para um RDBMS comercial implicou num aumento significativo da performance do acesso aos dados, e resultou no desenvolvimento do *SkyServer*¹. O servidor de banco de dados escolhido pelo *SDSS* foi o *Microsoft SQL Server*.

A comparação entre OODBMS e RDBMS no caso particular do *SDSS* não implica necessariamente a superioridade do segundo em relação ao primeiro. Tanto a abordagem orientada a objetos quanto a abordagem relacional tem suas vantagens e desvantagens. O estudo de caso do *SDSS* é apenas uma evidência anedótica em favor do uso de bancos de dados relacionais. No entanto, para aplicações semelhantes ao *SDSS*— *surveys* astronômicos com volumes imensos de dados — vale a pena apostar no sucesso dos RDBMS.

3.1.2 SkyServer

O *SkyServer* é um *website* (figura 3.1) que provê acesso aos dados armazenados no banco de dados do *SDSS* (Szalay et al. 2002). O acesso mais simples pode ser feito através de um atlas de locais famosos *famous places*, que mostra imagens coloridas de objetos celestes conhecidos. Há formulários para buscas mais sérias, gerando coleções de imagens, espectros e tabelas de dados. No *SkyServer* é possível fazer buscas avançadas utilizando SQL, embora haja limites de tempo de execução e de quantidade de objetos retornados. Esta limitação é contornada através do sistema *CasJobs*, que é tratado na seção 3.1.3.

É importante ressaltar que o *SkyServer* permite (ou mais adequadamente, encoraja) a criação de *mirrors*². Todo o banco de dados do *SDSS* e o código fonte do *SkyServer* está disponível no próprio *website* do *SkyServer*. Há um clone do banco de dados do *Data Release 8* do *SDSS* no servidor *CasJobs* do *STARLIGHT*³.

3.1.3 CasJobs

O *Catalog Archive Server Jobs* (*CasJobs*) é um serviço online desenvolvido pela equipe do *SDSS* para expandir a capacidade do *SkyServer* (Li & Thakar 2008). Nele o usuário pode

¹SkyServer: <http://skyserver.sdss.org/>

²Mirror: Espelho, em inglês. Clone de um website.

³*CasJobs* do *STARLIGHT*: <http://casjobs.starlight.ufsc.br/casjobs/>



Figura 3.1: tela do skyserver.

executar consultas SQL no banco de dados do *SDSS* da mesma forma que no *SkyServer*. Porém, além de consultas rápidas, é possível agendar a execução de consultas mais longas. O *CasJobs* gerencia estas consultas agendadas numa fila de execução, de modo a não sobrecarregar a rede ou os servidores de banco de dados. Cada usuário possui seu próprio banco de dados, chamado *MyDB*. Pode-se importar tabelas para o *MyDB* para utilizar em *queries* correlacionando com os dados presentes no *CasJobs*. O *MyDB* serve como armazenamento de tabelas do usuário, e há mecanismos para exportar estas tabelas para arquivos nos formatos FITS, CSV, XML e VOTable. Estes arquivos podem ser lidos por programas de análise de dados como o *TopCat*⁴, ou mesmo importados para outros bancos de dados.

É possível utilizar o *CasJobs* para acessar virtualmente qualquer banco de dados. No momento, o Grupo de Astrofísica da UFSC possui um servidor *CasJobs* com bancos de dados do *STARLIGHT*, *SDSS* DR8, GalaxyZoo^[citation needed], WISE^[citation needed] e *GALEX*. O *CasJobs* também foi adotado por outros projetos como o *GALEX*, Kepler^[citation needed], *Palomar Quest*^[citation needed], *Panoramic Survey Telescope and Rapid Response System* (Pan-STARRS) e até pelo projeto *AmeriFlux*, que contém dados de hidrologia^[citation needed].

A figura 3.2 mostra uma tela típica de uma sessão no *CasJobs*.

⁴*TopCat* é um visualizador gráfico interativo e editor de dados tabulares usado em astronomia. Ver <http://www.star.bris.ac.uk/~mbt/topcat/>.



Figura 3.2: Tela do casjobs.

3.2 Banco de dados do STARLIGHT

TODO: Construção do banco de dados do starlight Starlight gera dados em arquivos texto. São gigabytes de dados. Tratável para uso pessoal, mas não é muito viável a distribuição.

3.2.1 Importação para o banco de dados

TODO: Importação para o sql server? Mostrar que não é complicado, vale a pena gastar tempo fazendo isso. Deixar pra falar do acesso aos dados no anexo A.

3.2.2 Estrutura do banco de dados

TODO: Estrutura banco de dados do starlight.

3.2.3 Amostra do STARLIGHT

A amostra de galáxias do *STARLIGHT* contém 926246 espectros do *SDSS*. A identificação de cada espectro é feita através de um tripleto: a data juliana média da observação



Figura 3.3: Esquema do banco de dados do *STARLIGHT*.



Figura 3.4: Esquema do banco de dados do *SDSS*.

(**MJD**, *Mean Julian Date*), a identificação da placa de suporte das fibras ópticas (**Plate**) e a identificação da fibra utilizada para a obtenção do espectro (**FiberID**). Este tripleto (**MJD**, **Plate**, **FiberID**) identifica unicamente um espectro. Porém, é mais conveniente (e eficiente) ter um identificador único⁵ para os registros num banco de dados. No caso do *SDSS*, a tabela de espectros (**SpecObjAll**) tem um identificador chamado **SpecObjID**.

⁵Chave primária [FIXME]



Figura 3.5: Esquema da tabela de índices da amostra do *STARLIGHT*. Os tipos de dados são referentes à implementação do banco de dados.

Além de espectros, o banco de dados do *SDSS* (figura 3.4) contém fotometria de 1/4 do céu.^[citation needed] Os objetos com dados de fotometria também tem um identificador único, **ObjID**. Existe uma coluna na tabela de espectros chamada **BestObjID**, que aponta para o registro de fotometria (tabela **PhotoObjAll**) mais provável para cada espectro. É importante salientar que nem todo espectro tem um **BestObjID** definido.

A tabela de índices da amostra de galáxias do *STARLIGHT* (esquema na figura 3.5) contém inicialmente os tripletos [**MJD**, **Plate**, **FiberID**]. Dentro do ambiente CasJobs do *SDSS* DR7⁶ a tabela tem os valores de **SpecObjID** e **BestObjID** preenchida através da execução da *query* mostrada na figura 3.6. Entre os objetos na amostra do *STARLIGHT*, 622 objetos não tem a sua contraparte fotométrica.

⁶*CasJobs SDSS* DR7 - <http://casjobs.sdss.org/CasJobs/>


```
UPDATE sample
    SET SpecObjID=so.SpecObjID, ObjID=so.BestObjID
FROM sample s2 INNER JOIN DR7..SpecObjAll so
    ON so.MJD=s2.MJD
    AND so.Plate=s2.Plate
    AND so.FiberID=s2.FiberID
```

Figura 3.6: Atualização dos índices da amostra de galáxias do *STARLIGHT*. A *query* foi executada no *CasJobs* do *SDSS* DR7 para obter *SpecObjID* e *BestObjID* dado o triploto [*MJD*, *Plate*, *FiberID*].

3.3 Crossmatch SDSS/GALEX

TODO: Crossmatch SDSS/GALEX. Budavári et al. (2009).

3.3.1 Indexação HTM

TODO: Indexação HTM. Kunszt et al. (2000).

The Spatial Indexing used in the Sloan

Digital Sky Survey (SDSS) Science Archive divides the spherical surface into triangles in a hierarchical scheme resulting in roughly equal surface areas at each level, which is a big advantage over other schemes. The location of a point on the sky may be given by the unique index id to any level, refining it with each step. This naming scheme is being used successfully in other catalogs, too, like GSC-II and GAIA. The use of the Spatial Index in the SDSS is two-fold, a level-5 index is used to partition the bulk data, and a high-resolution level-1 index id is assigned to each data point to enable quick lookup and proximity searches. Use of this indexing scheme in more catalogs will enormously simplify cross-matching of objects. Using a new computing paradigm, we recently realized a quantum leap in performance that makes this scheme competitive with bit-interleaving and requires very little memory. The Flux-space Indexing used is a traditional k-d tree. The space is 5 dimensional, 5 being the number of SDSS-filters. The specialization to astronomical data has been achieved by modeling the location of the main branch in this space and applying the k-d tree subdivisions only to its confined area. The outliers are indexed separately.

Most of the interesting data points come directly from the outlier part of the index, with no additional analytical effort. Additionally, the key-lookup index feature of object-oriented databases is exploited for much-used parameters like flags.

3.3.2 Análise de completeza

TODO: Análise de completeza do crossmatch SDSS/GALEX. Tem no paper do Budavári et al. (2009), acho que é redundante.

3.4 Definição das amostras SDSS/STARLIGHT e GALEX



Figura 3.7: Esquema da tabela de *crossmatch* entre objetos do *GALEX* e do *SDSS*.

```
SELECT INTO mydb..galex_ais
    s.objid AS sdssobjid, x.objid AS galexobjid,
    s.mjd, s.plate, s.fiberid,
    g.nuv_mag, nuv_magErr,
    g.fuv_mag, g.fuv_magErr,
    g.e_bv,
    g.band,
    x.distance,
    pe.nexptime,
    pe.fexptime
FROM mydb..sample s
LEFT JOIN xSDSSDR7 x
    ON s.objid = x.sdssobjid
    AND x.distanceRank=1
    AND x.reverseDistanceRank=1
    AND x.multipleMatchCount=1
    AND x.reverseMultipleMatchCount=1
LEFT JOIN photoobjall g
    ON g.objid = x.objid
LEFT JOIN photoextract e
    ON e.photoextractid=g.photoextractid
WHERE e.mpstype='AIS'
```

Figura 3.8: *Query* para o *match* entre os objetos da amostra do *STARLIGHT* e *GALEX* AIS. A mesma *query* foi usada para o MIS, trocando apenas o nome da tabela para *galex_mis* e modificando a última linha para *e.mpstype='MIS'*.

3.5 Correções na fotometria UV

3.5.1 K-correct

3.5.2 Poeira

Capítulo 4

Problemas astrofísicos

Gaivota com cores UV.

Onde caem as diferentes classes (star forming, etc, ver ultimo paper do Cid Fernandes et al. (2011)) num diagrama parecido com o de Chilingarian & Zolotukhin (2011).

Capítulo 5

Conclusões e Perspectivas

5.1 Este trabalho

5.2 Trabalhos Futuros

Apêndice A

Anexo 1: Manual de Acesso aos dados do STARLIGHT + Galex

Referências Bibliográficas

- Boksenberg, A., Evans, R. G., Fowler, R. G., Gardner, I. S. K., Houziaux, L., Humphries, C. M., Jamar, C., Macau, D. et al. 1973, MNRAS, 163, 291
- Bowyer, S., Sasseen, T. P., Lampton, M., & Wu, X. 1993, ApJ, 415, 875
- Budavári, T., Heinis, S., Szalay, A. S., Nieto-Santisteban, M., Gupchup, J., Shiao, B., Smith, M., Chang, R. et al. 2009, ApJ, 694, 1281
- Carruthers, G. R. 1973, Appl. Opt., 12, 2501
- Chamberlin, D. D. & Boyce, R. F. 1974, in Proceedings of the 1974 ACM SIGFIDET (now SIGMOD) workshop on Data description, access and control, SIGFIDET '74 (New York, NY, USA: ACM), 249–264
- Chilingarian, I. & Zolotukhin, I. 2011, ArXiv e-prints
- Cid Fernandes, R., Stasińska, G., Mateus, A., & Vale Asari, N. 2011, MNRAS, 413, 1687
- Codd, E. F. 1970, Commun. ACM, 13, 377
- Code, A. D., Houck, T. E., McNall, J. F., Bless, R. C., & Lillie, C. F. 1970, ApJ, 161, 377
- Henize, K. G., Wray, J. D., Parsons, S. B., Benedict, G. F., Bruhweiler, F. C., Rybski, P. M., & Ocallaghan, F. G. 1975, ApJ, 199, L119
- Kondo, Y. & Wamsteker, W. 1987, Exploring the universe with the IUE satellite, Astrophysics and space science library (D. Reidel)
- Kunszt, P. Z., Szalay, A. S., Csabai, I., & Thakar, A. R. 2000, in Astronomical Society of the Pacific Conference Series, Vol. 216, Astronomical Data Analysis Software and Systems IX, ed. N. Manset, C. Veillet, & D. Crabtree, 141–+
- Li, N. & Thakar, A. 2008, Computing in Science Engineering, 10, 18
- Maier, D., Stein, J., Otis, A., & Purdy, A. 1986, SIGPLAN Not., 21, 472
- Martin, D. C., Fanson, J., Schiminovich, D., Morrissey, P., Friedman, P. G., Barlow, T. A., Conrow, T., Grange, R. et al. 2005, ApJ, 619, L1

- Martin, D. C., Wyder, T. K., Schiminovich, D., Barlow, T. A., Forster, K., Friedman, P. G., Morrissey, P., Neff, S. G. et al. 2007, *ApJS*, 173, 342
- Morrissey, P., Conrow, T., Barlow, T. A., Small, T., Seibert, M., Wyder, T. K., Budavári, T., Arnouts, S. et al. 2007, *ApJS*, 173, 682
- Morrissey, P., Schiminovich, D., Barlow, T. A., Martin, D. C., Blakkolb, B., Conrow, T., Cooke, B., Erickson, K. et al. 2005, *ApJ*, 619, L7
- Schiminovich, D., Wyder, T. K., Martin, D. C., Johnson, B. D., Salim, S., Seibert, M., Treyer, M. A., Budavári, T. et al. 2007, *ApJS*, 173, 315
- Stecher, T. P., Cornett, R. H., Greason, M. R., Landsman, W. B., Hill, J. K., Hill, R. S., Bohlin, R. C., Chen, P. C. et al. 1997, *PASP*, 109, 584
- Szalay, A. S., Gray, J., Thakar, A. R., Kunszt, P. Z., Malik, T., Raddick, J., Stoughton, C., & vandenBerg, J. 2002, in *Proceedings of the 2002 ACM SIGMOD international conference on Management of data, SIGMOD '02* (New York, NY, USA: ACM), 570–581
- Thakar, A. R., Szalay, A. S., Kunszt, P. Z., & Gray, J. 2004, eprint [arXiv:cs/0403020](https://arxiv.org/abs/cs/0403020)
- van Duinen, R. J., Aalders, J. W. G., Wesselius, P. R., Wildeman, K. J., Wu, C. C., Luinge, W., & Snel, D. 1975, *A&A*, 39, 159
- Wyder, T. K., Martin, D. C., Schiminovich, D., Seibert, M., Budavári, T., Treyer, M. A., Barlow, T. A., Forster, K. et al. 2007, *ApJS*, 173, 293